

ENTREVISTA COM O DR. ROOSEVELT CASSORLA

Armando, Suzana, Hélio, Marly e Emir



conversa começa informalmente com uma série de comentários sobre os eventos anteriores, realizados em nossa Instituição.

Armando – Qual a sua trajetória como psicanalista?

R. Não sei se é importante a minha trajetória em psicanálise.

Armando – Então vou te contar o que estou pensando, porque a sugestão foi minha. Acho que seria interessante para uma entrevista que os leitores pudessem conhecer a trajetória de uma pessoa com notoriedade a partir dela mesma.

Suzana – Eu acho que tem um aspecto que seria interessante ouvir, por quê para mim faz muito sentido a questão que toca a cada um. Eu acho que o nosso percurso nunca está isento dessa questão. Enquanto psicanalistas, nós, na verdade, vamos poder nos apropriar dessa questão, ter mais acesso a ela, de modo geral, pelo tipo de trabalho que é o nosso.

R. Na verdade a gente sempre se faz essa pergunta. Como chegou aqui. E a resposta é impossível. Temos consciência de alguns fatores se interpenetrando, e podemos chegar a algumas aproximações. Além do que vi em análise, tive a oportunidade de surpreender-me com muita coisa quando fiz os Memoriais para o concurso de livre-docência e, depois, professor titular. Aí tive que organizar “burocraticamente” minha vida. E descobri que desde criança me defrontava com situações em que achava muito estranhas as

sabotagens que ocorriam, do indivíduo com sua própria vida, com a vida grupal, na vida institucional e na sociedade como um todo. Talvez meu próprio nome tenha a ver com isso e, de minha experiência, a importância do próprio nome como mito pessoal (das fantasias que o antecedem e marcarão o recém-nascido) é bastante grande, como determinante de aspectos inconscientes. Meu nome é Roosevelt, em homenagem ao presidente Roosevelt, que faleceu pouco antes do meu nascimento, no final da Segunda Guerra. Agora não preciso mais dizer minha idade...

Nasci de uma família judaica, questionadora e avessa a rituais, mas que sempre prezou a ética judaica. E muito bem-humorada – somos *sefardim*, espanhóis expulsos pela inquisição, algo diferentes dos *ashkenazim*, os judeus da Europa oriental. Estes são mais amargos, possivelmente fruto dos *pogroms*, o nosso humor também é amargo, mas me parece que ficou mais refinado, mais *light*, já que após a fuga da Espanha viveram nos Balcãs, Palestina, Império Turco, mais tolerantes com os judeus.

Mas, com certeza nasci num ambiente em que se falava e se viviam os horrores dos campos de concentração, se discutia política, preconceito, os horrores da humanidade. Praticamente toda a minha família que havia ficado na Europa (Iugoslávia, Macedônia, Sérvia, Grécia) foi exterminada. Na minha cidade (no Chile), de colonização alemã, já havia grupos preparados para nos matar logo que Hitler vencesse a guerra. Estou certo de que esse ambiente terrorífico ficou na minha cabeça. Mas, mais do que isso, o que eu não compreendia era o conformismo da humanidade para com tudo isso. Me perguntava: por que as pessoas fazem isso? Com o tempo isso se ampliou, em todas as áreas: o que levava os seres humanos a não perceberem a humanidade do outro, o seu direito de vida, à melhor vida possível. Logo depois tive perdas importantes pessoais, inclusive a mudança de país, e tudo isso me obrigou a arrumar jeitos de lidar com essas frustrações. Eu pensava muito sobre tudo isso, sobre a injustiça (inclusive a injustiça da morte, a tomada de consciência de que a natureza não se preocupava com essas coisas), as coisas erradas. Me transformei numa pessoa com uma imensa capacidade de indignação, que muitas vezes me foi prejudicial. Isso foi temperado com a análise pessoal, em que pude discriminar melhor o que era possivelmente real e o que eram projeções de meu mundo interno. Vocês sabem como é fácil projetar o errado e acreditar-se santo... Mas, felizmente, a capacidade

de indignação continua, mais madura, ainda que por vezes me traga complicações. Meu trabalho sobre “vista grossa” tem muita relação com isso. Condeno o mecanismo, do ponto de vista social, mas tenho que aprender a “fechar os olhos” para muita coisa, até que o abri-los possa ser realmente criativo. Uma ação precoce, assim como uma interpretação, pode fazer com que o terrorista ou o sabotador se esconda e não o encontremos mais... Nem sempre tenho essa paciência fora do consultório.

Possivelmente, fui fazer Medicina como uma forma de lutar contra o sofrimento. Naquela época eu não tinha a menor noção do que fosse psicanálise, isso estava fora da cultura em que vivia. Na escola médica me deparei com o sofrimento, como esperava, mas logo me dei conta de minha impotência... Chamou-me logo a atenção a grande parte de doentes que eu via que não tinha doenças somáticas, seus sintomas eram em função de fatores emocionais e sociais. Vivi a década de 60 e 70 enfronhado nas teorias que atribuíam o sofrimento humano a fatores sociais e econômicos. E participei, como quase todos os jovens, do movimento estudantil e depois de toda a efervescência daquela luta visando à desalienação do indivíduo, pelos direitos humanos, pela cidadania. E vi mais uma vez a injustiça, a iniquidade, as torturas, a degradação do ser humano, agora bem de perto.

Nesse momento, guiado por meus ideais e meus conflitos, fui fazer Medicina Preventiva, associar-me a colegas com as mesmas idéias...

Estava na Escola Paulista de Medicina e iria ficar lá. Naquela época a UNICAMP, recém-criada, tinha um Departamento de Medicina Preventiva fantástico, com pessoas idealistas e criativas. Ouviram falar de mim e me convidaram para trabalhar com eles. Fui para lá. O objetivo era, basicamente, ver como a saúde se inter-relacionava com os determinantes sociais. E como poderíamos prevenir a doença agindo sobre eles. Foi o primeiro departamento, no Brasil, que tinha sociólogos, e nos preocupávamos muito com a teorização sociológica, antropológica, política, com coisas macro-estruturais, a despeito de eu sempre adorar a clínica. Eu nunca deixei o doente, queria o contato face a face, não ficava só teorizando como a maioria dos colegas. Gostava do contato humano. Nessa época criamos o Programa de Comunidade. Seu objetivo era justamente que a Universidade, ao se encarregar de uma comunidade, pudesse conhecer e agir sobre os determinantes sociais, culturais, econômicos, dessa comunidade, na sua influência no processo saúde-doença. Fui nomeado o executor do

programa e criei e coordenei o chamado Centro de Saúde-Escola de Paulínia, que foi a área de comunidade por cinco anos. Fiz pós-graduação em Saúde Pública na USP.

Mas aos poucos fui percebendo que minha visão estava limitada. Os fatores sociais e econômicos eram importantes, mas deixavam a desejar como fatores explicativos. Naquele momento meu raciocínio era cartesiano, pior, pós-cartesiano, como considero os estruturalistas da época. Se não eram os vírus e bactérias, eram os fatores sociais e culturais. E só, num reducionismo já ideológico. Aliás, naquela época, eu já desconfiava de cartilhas e teorias globalizantes e, ao discuti-las e questioná-las, nem sempre era bem visto. O que se repetiu em grupos de psicanálise, posteriormente, quando todos estudavam um autor como se fosse Deus, sendo o coordenador o Sacerdote, ambos inquestionáveis.

Aí, no meu contato no dia-a-dia com os pacientes, passei a verificar a importância dos fatores emocionais, aos quais se fazia "vista grossa", porque não se encaixavam nas ideologias revolucionárias hegemônicas da época, a não ser pela psiquiatrização dos dissidentes, inclusive em nosso meio. Comecei então a ficar fascinado por essa vertente, sem negar, evidentemente as outras. Mas, como a mente lidava com os fatores sociais, biológicos e culturais, era desafiante investigar. Essa vertente não tivera na Escola Paulista, já que Darcy Uchoa, o primeiro psicanalista a ser titular de Psiquiatria, estava entrando quando eu já estava saindo da Escola. Mas, ainda que nosso contato tivesse sido mínimo, me despertou para algo, que acordou posteriormente.

Ao mesmo tempo que observava, na clínica, como médico, o indivíduo agindo contra si mesmo, me defrontei com sabotagens intra-grupais e vivi situações desse tipo altamente destrutivas. Naquela época eu era jovem e o impacto foi muito grande, não tinha lido Freud e acreditava que todas as pessoas eram boas, amorosas, fantásticas, ainda mais se pensávamos da mesma forma e lutávamos por uma causa comum. Foi uma fase de espanto, de confusão, de autoquestionamento. Não sabia mais se o que fazia valia a pena. Ao mesmo tempo, eu tratava os pacientes e eles voltavam com as mesmas doenças. Não sabia lidar com os fatores emocionais e, quanto aos mais amplos, estava mais impotente ainda. Mas, pior, não sabia mais me haver comigo mesmo: estava perdido, decepcionado. Hoje, eu sei que a idealização era uma defesa contra a impotência, temperada,

"PEQUENO ESTUDO DO TEXTO 'TURNING A BLIND EYE: THE COVER UP FOR OEDIPUS' DE AUTORIA DE JOHN STEINER"

Emir Tomazelli*

São Paulo, terça-feira, 10 de outubro, de 1995.

* Psicanalista e professor do Departamento Formação em Psicanálise.

"S e as paixões se excitam no olhar e crescem pelo ato de ver, não sabem como se satisfazer; o ver abre todo o espaço ao desejo, mas ver não basta ao desejo. O espaço visível atesta ao mesmo tempo minha potência de descobrir e minha impotência de realizar. Sabemos o quanto pode ser triste o olhar desejante" (Jean Starobinski, *L'oeil vivant*)

ANOTAÇÕES:

1) Gostaria de retomar nesta noite um assunto que esteve presente em nossos encontros nas noites anteriores – a “concretude do pensamento kleiniano” – para pensá-lo.

Para pensá-lo, parece-me oportuno, em uma reunião como esta, que almeja a preparação das pessoas para um encontro com alguém que segue o caminho de Klein, supor a verdade dessa questão que envolve a concretude kleiniana, ou seja, é necessário considerá-la concreta. Isto é, supor sua espessura, supor seu peso, supor sua concepção cega de um psiquismo como um aparelho imagético e coisificado (e, num certo sentido, tornado coisa quase palpável) para poder começar a estudá-la.

Mas – com uma brincadeira para evocar o espírito de Lacan em uma reunião dedicada ao estudo de Klein – melhor começar por fatos lingüísticos: o termo concreto, como conceito, em Hegel, evoca

um verbo em latim, isto é, evoca o verbo latino “concrecer”. Para ele, esse verbo continha a idéia de *crescer junto, crescer com*. Concreto era aquilo que tinha e tem relação com a evocação da totalidade, com o abarcamento, a polissemia de relações e com a atualidade do homem. O concreto é o presente capaz de abarcar tudo. É presença. Isto é, é esforço. Em Hegel a construção de um conceito era da ordem do concreto, feita na oposição de um exercício de discurso, onde o diálogo entre os que discutem se opera como um jogo de demonstração, assentimento e atualidade. Abstrato, por seu turno, era aquilo que fazia o homem estar fora do contexto em que ele acontecia. O abstrato é a leitura feita destituindo o homem de suas condições reais, elevando-o ao plano do a-temporal.

(Entre parênteses, é bom observar também que nessa discussão sobre o concreto e o abstrato reside toda a problemática ética da intervenção clínica em psicanálise e, ao mesmo tempo, da construção teórica em ciência. A higiênica postura “a-corporal” da ciência, fazendo-nos buscar a branquidão do branco, buscar a neutralidade enquanto negação da corporeidade, faz um jogo revelador de um equívoco, jogo revelador da atitude de “fazer vista grossa”, propondo uma leitura, uma visão que sempre precisa fazer acreditar que a ausência do sensorial e do ilusório nos conferem a presença da verdade. O sensorial é ilusório, nos diz Lévi-Strauss, em *Mito e Significado*, “real seria o mundo das propriedades matemáticas que só podem ser descobertas pelo intelecto e que estão em contradição total com o mundo dos sentidos” [in, Adauto Novaes, *De Olhos Vendados*, p. 9]... É evidente que não se pode mais pensar assim quando se pretende e se faz ciência em psicanálise. Já aprendemos com Klein, o sensorial é o ilusório e o ilusório é a máquina de pensar o real... Bem, deixo por aqui interrompido o comentário, retomo em outra oportunidade.)

Por outro lado, sem tomar a filosofia como referência, o concreto, experimentado no estudo de Melanie Klein, também evoca a verdade física do corpo e da ação. Evoca um já surrado: “no princípio era a ação”.

Em Klein o corpo é a história física da palavra, ou seja, é a história do ato que a fez – que a *phantasiou(!)*, poderíamos dizer. Em Klein o corpo é natureza, é narrativa e é memória afetiva, não sendo possível separar da corporeidade o binômio dor e símbolo, nem evitar a ligação das experiências físicas com as vivências de castigo e conhecimento. No corpo contempla-se, como bem o sabemos, um pedido de

R. Um bom clínico.

Suzana – Um bom clínico, acho que é melhor. Porque o encantamento que eu sinto com você traz em pouco aquela coisa do contato, do contato e do mito, não pelo que você falou do mito, mas porque o encontro um pouco dentro de você, através das histórias que você conta, como, por exemplo, quando Einstein respondeu a um aluno que lhe mostrava uma fórmula: “Olha, deve estar errada porque está feia!” Então, a presença dessa coisa que não faz parte do pensamento mais estruturado, mais formado, intelectualmente acabado e que ao mesmo tempo chama a atenção, é contado nas entrelinhas, entre aspas ... Eu sinto muito isso no contato com você. Então, eu estava pensando nessa questão do clínico.

R. Você tem que lembrar que o clínico é um detetive, ele lida com minúcias, com pistas, temos que lembrar que Sherlock Holmes foi criado por um médico, Conan Doyle, e que o Dr. Watson era o alter-ego dele. O médico lida com pistas concretas, minúsculas. O psicanalista também lida com detalhes e com minúcias, que as outras pessoas não vêem. O bom clínico tem e desenvolve essa sensibilidade. Há um artigo lindíssimo sobre isso, de um historiador, Ginzburg, “Sinais, raízes de um paradigma indiciário”.

Suzana – Eu conheço do Ginzburg “Emblemas, sinais,”...

R. É um capítulo desse livro. Conta várias histórias, inclusive de Freud. Há um pintor, Morelli, que descobria se as obras eram falsificadas ou não através de detalhes – é muito bonito como ele encontra as pistas. Ginzburg estuda as pistas, que os caçadores seguem para pegar os animais, fala das impressões digitais, há também aquela história do rei de Serendip, em que três pessoas são presas como ladrões de animais porque desvendam um enigma, descobrem que aquela marca no chão era porque a pata do animal estava assim, a cor devia ser aquela por outra pista, etc. Só se livram depois de explicar seu método. Isso é muito interessante e “serendipity” é um termo que corresponde, em psicanálise, ao *insight* do paciente ou ao “fato selecionado” do analista: de repente, o indivíduo junta tudo a partir de pistas microscópicas, que é o trabalho do analista, ainda que este utilize mais seus recursos intuitivos, não conscientes. O modelo médico, dos sinais, também é o

modelo do psicanalista. Com uma diferença: o modelo médico é sensorial, o psicanalítico é emocional. Um dos grandes problemas da psicanálise é quando o psicanalista leva muito em conta o sensorial e não desenvolve sua visão emocional, sua visão intuitiva, que é aquela história que falávamos hoje na supervisão; o analista tem que se ligar mais na música que na letra que o paciente passa. A letra é mais sensorial, a música, os sentimentos que passa junto com o conteúdo, é mais importante para nós. Não que a letra não seja importante, mas é diferente eu dizer para uma pessoa “Eu te amo” e dizer um outro “Eu te amo”, não convincente, cuja música não passa de um texto escrito. O tom de voz, a sensibilidade para o não-formal, o analista vai desenvolver, calibrar. Vai ter que calibrar seu ouvido, sua visão, mas principalmente sua intuição. Lembremos que intuição vem de “intuor”, que significa “olhar cuidadosamente”, mas é um olhar não sensorial. E o paciente nos fornece as pistas, que ocorrem na relação analítica, o analista participando. Por isso eu, como muitos analistas, valorizo muito os sentimentos do analista em relação ao que o paciente nos traz. É claro que há que se tomar os cuidados para se diferenciar-se o que é contratransferência patológica, dos sentimentos que permeiam a relação analítica e que permitem que o analista entre em contato com o paciente. É uma arma extremamente criativa e, ao mesmo tempo, muito perigosa, “perigando” de o analista se tornar onipotente. Por isso há uma resistência tão grande no meio psicanalítico contra isso. Os cuidados são necessários. Nossa mente vai captar as pistas e para isso tem que estar totalmente desarmada. Acho que essa é outra característica do psicanalista: você somente vai observar novas pistas se você eliminar da cabeça tudo aquilo que já sabe. Você entra numa floresta e você identifica uma árvore, aquele caminho você já conhece, você não vai ver nada de novo absolutamente. É preciso transformar a cabeça numa mente de criança, em que ela está sempre prestando atenção no que é novo.

A mente da criança, a criança fica fascinada. Se ela entra no parquinho, acaba achando uma formiguinha aqui, uma folhinha ali, acha coisas que nós não vemos, porque nós ficamos na gestalt do parquinho, não prestamos atenção nos detalhes. A criança, infelizmente, vai perdendo a inocência, daqui a pouco ela fica com o pensamento mais globalizado e perde a percepção dos detalhes. A escola, a terrível escola nossa, faz com que ela classifique tudo e perca também a criatividade, mas esse é outro assunto. Penso que o analista tem que

ter a inocência e a curiosidade da criança para poder se fascinar, manter a capacidade de se admirar. Para isso o analista tem que estar receptivo para o novo. Enxergar o novo e não aquilo que já sabemos. A gente comumente diz para o paciente o que ele já sabe: isso não é vantagem nenhuma.

Suzana – É o olhar de quem vê pela primeira vez ?

R. É o olhar de quem vê pela primeira vez, sem preconceitos. Quando eu vejo uma pedrinha, eu tenho que parar de falar “Essa pedrinha parece com aquela que eu conheço”. Não, isso atrapalha. Essa pedrinha não parece nada, ela é ela, então eu vou observar essa pedrinha em si. Isso leva a outro aspecto importante da psicanálise: o papel da teoria. Evidentemente, uma teoria é algo importante. Mas, se toda vez que eu vejo um fenômeno eu me lembro de uma teoria, com certeza corro o risco de perder a visão do novo. A coisa se encaixa na teoria, ela não fica mais admirável e a coisa morre. Temos que ver o fenômeno em si, abrir, investigar. Uma boa interpretação é aquela que abre o indivíduo para mais curiosidade, mais investigações. Uma interpretação que dá uma resposta, a resposta mata a pergunta. Mas, todos nós temos uma estrutura mental em que as relações causais e a necessidade de respostas são muito importantes. A perguntas se obtêm respostas... só respostas. Por isso detesto que meus orientandos utilizem questionários e escalas, quero que eles descubram o que nem pensaram perguntar. Estou na contramão da ciência universitária, mas felizmente, o *status-quo* me tolera... Então, a mente do psicanalista tem que lutar contra aquele modelo e a cada pergunta fazer mais perguntas. Com isso o campo vai se ampliando. As teorias procuram organizar e às vezes responder, mas elas servem mais para a comunicação com colegas, para integrar o conhecimento, para se usar depois da sessão ou de uma fase da análise. E descartá-la quando ela não dá conta do fenômeno. Bion dizia que usava uma teoria na interpretação quando estava muito cansado ou não entendia nada do que estava acontecendo... Muitos, infelizmente, a usam para não ficarem cansados com a ansiedade de enfrentar o desconhecido; procuramos uma teoria que amarre o fenômeno.

Armando – Faz vista grossa?

R. E geralmente a teoria existe. Não há nada de novo sob o Sol. Se a gente for procurar, acha a teoria. Mesmo a que a gente fez. Mas, quem sabe, aos pouquinhos, a gente não descobre outras pequenas coisas que a enriquecem? E, talvez, um discípulo nosso, um gênio, possa criar uma nova teoria, melhor que as existentes? Mas, no momento da sessão, temos que ser criativos e acabar com a teoria que o paciente tem sobre ele mesmo, acolhê-lo em seu desespero, em sua perda de referencial, ocorrem catástrofes mentais, até que se criem novas teorias, que, por sua vez, vamos novamente desfazer... Geralmente o paciente nos procura porque as teorias que tem sobre si mesmo, não são mais suficientes para torná-lo feliz. É um momento privilegiado.

A coisa mais difícil para o psicanalista é conviver com o não-saber, com o desconhecido, e ficar tranqüilo. Bion usa uma analogia retirada de Keats, o poeta. A capacidade negativa: poder ficar num estado de tranqüilidade a despeito da imensa quantidade de estímulos e fatos que ocorrem, e ficar pacientemente esperando que algo tome forma, sem se abalar. É muito importante poder suportar o não-saber. A teoria pode ser usada para isso: pode até estar correta, mas mata a ampliação da capacidade mental.

Armando – O uso é tapar um buraco.

R. Tapa-se buraco. O importante é que o próprio paciente desenvolva a capacidade de suportar a frustração até que as coisas comecem a fazer sentido. E nós vamos ajudá-lo. Vejam, não estou propondo um analista passivo, que fica sadicamente vendo o paciente sofrer. Não, nós vamos mostrando para ele as pistas do que estamos percebendo e ele também faz isso conosco. Só que mostrar as pistas não significa dar uma resposta, que, diga-se de passagem, sairá de minha cabeça, vai ser algo meu. Não será algo útil. Isso me leva a outro ponto, não sei se vai...

Só um ponto que acho muito importante, eu queria ouvir a entrevista para ver o que foi que eu passei. Não quero dar a impressão de que o analista faz uma coisa e o paciente outra. Tudo acontece na relação analítica, no espaço virtual entre paciente e analista. Quando eu falei de tapar o espaço, ou que o analista vai esperar que o paciente faça, está tudo errado, apaga isso. Pode até publicar, mas com este adendo: tudo o que acontece com o paciente tem sua contrapartida no analista e vice-versa. Por isso, dizemos que o trabalho é na transferência e na

contratransferência (no sentido mais moderno). É na relação que a ansiedade, os objetos, as defesas vão se manifestar. Se não há duas pessoas presentes, as coisas não se manifestam dessa forma e se a outra pessoa não interagir, não vai adiantar muita coisa.

Emir – Ontem você falou coisas curiosas a respeito do mito e, hoje, apareceram estas questões: a investigação, a investigação de detalhes, a curiosidade, a catástrofe ligada à questão da curiosidade... Lá, você dizia assim: como é difícil aprender, talvez, o mito mostre o quanto não se é capaz de aprender. Lembro de na hora ter pensado uma coisa gozada: a gente continua ensinando, sabe que o aprendizado é praticamente impossível e continua ensinando. Temos uma instituição de ensino aqui e chamamos **o ensino da psicanálise de transmissão de psicanálise**, procurando, de certa forma, esconder esta relação de instrutor-aprendiz. Eu queria que você falasse um pouco desse paradoxo de ensinar psicanálise, de ensinar *versus* não aprender, como é que é isso?

R. A confusão que é a vida, é justamente o que fascina os psicanalistas. Os paradoxos, as contradições, as idas e vindas, que aparecem todos os dias em nosso trabalho. Então você fala das três possibilidades que Freud assinalou: governar, ensinar e psicanalisar, as três profissões impossíveis.

Isso me fez pensar, por outro lado, se as pessoas realmente querem aprender, querem ser psicanalistas e ser governadas. Então é muito interessante: você tem esses profissionais, a sociedade os cria e obstaculiza sua função. O aluno quer aprender, aparentemente ele quer aprender. Mas, é bom lembrar que a aprendizagem leva a uma catástrofe, que cada idéia nova provoca uma ansiedade catastrófica. Então, a gente se pergunta: "Por que as pessoas querem aprender? Por que não ficam somente com o que já sabem?" Nós temos terror à idéia nova, nós a matamos, assim como matamos o autor da idéia nova, como Galileu etc. A idéia nova é extremamente avassaladora. Se o indivíduo trouxe idéias velhas, ainda que mascaradas de novas, nós vamos elegê-lo presidente, talvez reitor. Se a idéia for muito nova, vai causar uma catástrofe.

Quero deter-me na catástrofe. Existe um determinado estado e esse estado tem que ser desfeito para que se obtenha um novo estado. Isso é a catástrofe. É como se atacássemos a inércia da mente, tem

que se desfazer algo. Em termos kleinianos, passa-se da posição depressiva para a esquizoparanóide, para voltar-se à depressiva, e essa oscilação é permanente. Desintegramos e integramos, para que ocorra nova desintegração etc. Por isso é que ficamos assustados quando uma pessoa diz algo que nunca ouvimos falar. Como eu receio que o paciente, fiquemos agora com os alunos, que os alunos venham até aqui, não para aprender, mas para receber fórmulas prontas, que não causem catástrofes, ou elas sejam mínimas. O que eles desejam é um ensino tranqüilo, que lhes dê somente respostas e não perguntas. E isso não é aqui, nesta instituição, é assim no mundo todo. Se a gente estimula o aluno a pensar, ele resiste. A mesma coisa vale para o analista e o analisando e falei também analista, não só porque ele já foi analisando, mas porque pensar é realmente penoso. O paciente também quer que o analista lhe dê a resposta. Este, quando vai fazer sua formação quer a resposta da Instituição: "O que é melhor? Como eu faço? Como eu trabalho? Como interpreto?" "E se a instituição for perversa (e muitas é) ela vai lhe dar uma série de regras e receitas, e o terapeuta vai se sentir tranqüilo. Creio que temos que desenvolver a criatividade, fazer com que as pessoas não tenham medo de pensar, aí elas começam a sentir prazer com as mudanças catastróficas, porque sabem que após a desintegração virá um prazer muito grande, da reintegração em outro nível. Curiosamente, a despeito de tudo isso, continuam se formando pessoas criativas. Em outras palavras, a criatividade continua se manifestando, a despeito de tudo o que se faz contra ela. Eu acredito muito no processo de identificação, é muito mais importante a identificação que o aluno faz com seu professor, com seu analista, que o conteúdo que ele passa. Tem que ser uma identificação em que o objeto identificado permita o crescimento e a individuação do outro.

Há o tom de voz, a segurança, o carinho e tudo o mais, inefável. Temos também que nos lembrarmos das identificações negativas. Alunos que se identificam com figuras malévolas. Aliás é um dos grandes problemas institucionais, onde temos pessoas carismáticas, malévolas, e altamente sedutoras, que atraem adolescentes. Aqui voltamos a minha escolha da psicanálise. A curiosidade em querer saber o que leva as pessoas a isso, por que elas vão se envolver em sabotagens internas. Esses "líderes", por vezes, dominam grupos e instituições. Mas, a possibilidade de identificações positivas é o mais importante, em nosso trabalho. O processo tem a ver também com o que ocorre na transferência, introjetamos e nos identificamos com

aspectos do analista, não só com a reintrojeção do que projetamos, mas também com o que ele tem de real.

É a nossa responsabilidade como professor, como analista, acho que também como cidadão.

Hélio – Mas eu queria te perguntar, justamente nessa linha, se eu não reduzo demais, se dentro das instituições que tentam formar ou que tentam ensinar psicanálise, se na verdade não cabe a quem tem que ocupar esse lugar, justamente evitar que o aluno ou a pessoa candidata a essa formação, reduza a curiosidade (de certo modo a curiosidade da descoberta) e se isso não pode ser feito através da teoria, pegando o seu próprio percurso de que a pedra fundamental da educação do psicanalista é a própria análise?

R. Eu acho que sim, acho que o ideal é que o indivíduo primeiro faça sua própria análise, primeiro tente descobrir, inclusive, porque ele quer ser analista. Penso que a maioria de nós foi fazer análise não para ser analista, é uma análise “terapêutica”, e aí a gente descobre. Ou às vezes a gente vai fazer análise porque quer ser analista, mas a gente sabe que é um engano: escolhemos psicologia ou algo afim porque precisamos nos conhecer, ainda que não o admitamos.

Mas o ideal nem sempre é o possível que a pessoa faça a análise e só depois vá estudar o que outras pessoas escreveram. As sociedades de psicanálise exigem que o indivíduo faça um tempo de análise antes de frequentar os cursos. Aqui, em São Paulo, um ano. Eu acho pouco, mas do ponto de vista da realidade social há que se levar em conta que somos mortais. E a maioria dos futuros psicanalistas da Sociedade já fizeram outras análises e cursos. É claro que há situações particulares, e conheço analistas que endeusavam a teoria, recusavam-se a fazer análise e pareciam mais pregadores religiosos. Depois, fizeram análise pessoal e puderam superar isso, fazendo inclusive um uso criativo de sua riqueza teórica. O problema são os “Sacerdotes”, geralmente exegetas de textos psicanalíticos “bíblicos”, com seus deuses e religiões psicanalíticas.

Gostei muito de minha experiência, mas foi atípica. Geralmente o médico faz medicina, psiquiatria e depois psicanálise. Coitado, tem que esquecer toda a psiquiatria. O mesmo acontece com o psicólogo, tem que esquecer todas as teorias fora da psicanálise e relativizar o que aprendeu de psicanálise para poder viver a experiência emocional do

aqui e agora. Eu tive sorte de fazer primeiro psicanálise e depois dar uma passada rápida pela psiquiatria.

Hélio – Mas dentro da universidade vai-se aprender teorias, até filosofia psicanalítica, mas você vê que é por aí a dificuldade de ensinar, essa dificuldade de transmissão? Ou talvez pela não prática de primeiro fazer análise?

R. A dificuldade de ensinar psicanálise na universidade é por ser mais difícil você captar a teoria se você não está vivendo a teoria na sua própria análise. Não é impossível, mas ela fica intelectualizada, mas você somente vai perceber o sentido emocional dela quando você fizer análise, você vai ter que desintelectualizar o processo. Então é o caminho possível.

Tem uma coisinha importante, vamos ver se eu lembro. Era isso! Você pode ensinar as teorias e ao mesmo tempo mostrar que teorias são teorias, que teorias não são certezas, que teorias não são divinas, que teorias não são dogmas, mostrar o que é teoria. Uma teoria é uma construção auxiliar que tenta conjugar uma série de fenômenos, e existem “n” construções auxiliares. Cada um de nós pode criar uma teoria. Então a teoria passa a não ser a verdade porque às vezes fazemos isso com a teoria: a teoria é a verdade. E daí a pouco uma igreja qualquer pega uma teoria e transforma em fé e temos um Deus que é o autor da teoria. Acho que nós devemos ensinar teoria, mas dizer que é uma teoria. E que amanhã vai haver outra teoria, que essa teoria pode ficar mais profunda etc.

Nós vimos ontem, na conferência, que o fato de se fazer uma interpretação do mito edípico não quer dizer que outras interpretações do mito não coexistam e se fertilizem. E eu não vou brigar com ninguém afirmando que a minha interpretação está certa e acabou. De jeito nenhum, quando alguém me pergunta: “Você é kleiniano?” Eu falo: “Eu sou Cassorla.” Eu sou eu. É claro que eu tenho influência de Klein, tenho influência de Bion e é por puro acaso, porque eu nasci, eu vivi num meio onde essa influência dominou, mas, se eu morasse na França a minha influência primordial seria Lacan, ou se morasse na Suíça seria Jung, ou se morasse na China seria o Budismo. Então é por acaso, é por circunstância de vida. Mas não posso perder a minha individualidade. E saber que o que eu uso é uma coisa auxiliar e que me ajuda muito. É ótimo, é maravilhoso, mas não é a verdade, é apenas

uma construção que foi feita para nos ajudar a observar os fenômenos e compreendê-los.

Marly – Eu queria introduzir um tema provocativo, na verdade. Eu gostaria de saber o que é que você pensa do conceito de neutralidade do analista na relação analítica.

R. Bom, a neutralidade foi definida por Freud com... ele usou o modelo do cirurgião. O cirurgião vai lá e ele não está preocupado com a dor que o paciente vai sentir, ele não vai conseguir fazer o ato cirúrgico, então ele tem de ficar frio, neutro. Então desse ponto de vista o que o Freud recomenda é exatamente a atitude do clínico, se o clínico se envolver com o paciente, ele não vai ser suficientemente frio para fazer o diagnóstico. Por isso é que o médico não deve atender parente, se ele atende um parente ele vai fazer automaticamente o diagnóstico pior do que antes ou acaba não vendo coisas que ele poderia ver. Então, neutralidade seria manter uma certa distância. Desse ponto de vista eu acho extremamente válido. Mas há um outro aspecto: o analista tem de estar envolvido emocionalmente com todas as forças com o seu trabalho. Ele tem de estar interessado em seu paciente, ele tem de estar envolvido, ele tem de estar participando de tudo o que acontece e eu valorizo muito os sentimentos que ele tem. Como eu disse, com a ressalva de tomar os cuidados que devem ser tomados. Então quando a gente está numa relação analítica, nós mergulhamos juntos num mundo desconhecido e mergulhar num mundo desconhecido traz ansiedade, traz sofrimento e também traz o prazer. Eu acho que todos nós também trabalhamos para o prazer. Porque o prazer de mergulhar no mundo desconhecido e sair de lá enriquecido é fantástico. Agora, se você não mergulha você não tem nem sofrimento e nem tem prazer. Agora mergulhar não significa se misturar com o paciente, você mergulha junto com ele, você vive junto com ele e ao mesmo tempo você mantém a distância necessária para não se misturar. Então é um trabalho junto e separado ao mesmo tempo. É isso que me parece básico, não sei se ficou claro. É um dos paradoxos, é que a gente vai junto e ao mesmo tempo separado.

Armando – Senão a análise seria mecânica, em que não há envolvimento emocional, não há participação (Seríamos macaquinhos assassinos?)

R. Sim, um robozinho que ouve. “Eu estou atrasado por causa do trânsito.” E o macaquinho diz: “Você está resistindo à análise”. Isso é uma caricatura.

A análise não é um jogo de tênis em que o paciente joga a bolinha e a gente responde e a gente só está prestando atenção na bolinha. Não! A análise é um envolvimento pessoal com o jogador, não se está prestando atenção na bolinha. É muito mais uma relação de amor e de paixão. Com a diferença de que ao mesmo tempo a pessoa é enamorada e apaixonada e uma outra parte minha toma distância para observar o que está acontecendo comigo e com o outro. Então eu tenho que fazer uma cisão em que me envolvo com o outro e um outro aspecto meu observa cuidadosamente minúcias, o movimento do que está acontecendo entre mim e o outro. Isso não é fácil. Muitas vezes a gente se atrapalha. Tem que se ficar alerta para isso.

Armando – Quer dizer, a análise pessoal de novo está presente. Eu tenho insistido numa questão que às vezes me parecia uma filigrana, uma bobagenzinha e pelo que você está falando talvez tenha um alcance de que nem eu tenha me dado conta. Eu tenho insistido com algumas pessoas com quem tenho discutido a questão técnica que é dever nosso interpretar, a interpretação não tem que ser da transferência, e sim na transferência. Onde você ocupa esse lugar, onde você está distante o suficiente para ver que lugar está ocupando na mente do paciente, junto com o paciente e onde se entrou. Essa troca de preposição parece muito próxima do que você está dizendo.

R. Isso mesmo. De qualquer maneira, a gente tem de lembrar que qualquer interpretação ocorre na transferência, qualquer coisa que a gente diga para o paciente ocorre na transferência porque o paciente está ouvindo algo de outra pessoa. E aquilo está tendo um reflexo na pessoa. A gente tem de tentar observar como é que isso acontece. Nem sempre a gente tem uma percepção muito clara do que nós estamos fazendo. Mas qualquer coisa que se esteja falando, nem que esteja discutindo o resultado do último jogo de futebol, está havendo uma coisa entre nós. O jogo de futebol entrou no meio. Pode ser que naquele momento ou em outro momento se descubra qual é o significado do paciente discutir jogo de futebol. Eu vou tentar descobrir por que é que ele está querendo falar de jogo de futebol comigo e não

com o irmão dele que gosta de futebol. Então vou ficar procurando pistas, enquanto o jogo de futebol aparece. Bion disse que, às vezes, de vez em quando, ele conseguia fazer psicanálise em uma sessão, o resto da sessão não é psicanálise. Muitas vezes a gente está ali na sessão, mas não está fazendo psicanálise, está procurando identificar o objeto psicanalítico.

Marly – O doutor Ferrari usa um termo: entretenimento.

R. Entretenimento, isso, é uma palavra bastante interessante, ouviram falar de paciência? Entretenimento é melhor para isso, é gostoso, ficar esperando que as coisas aconteçam, mas isso não impede que você converse com o paciente. Você eventualmente responde a alguma pergunta dele, faz alguma pergunta a ele, quer dizer, essas coisas todas, atualmente o psicanalista, graças às teorias, está mais livre, essas teorias que falam que as próprias teorias não são certezas absolutas permitem que o analista se torne cada vez mais criativo, que ele seja mais ousado. Evidentemente tomando os cuidados. Ele conhece as teorias, sabe o que ele não deve fazer. Mas cada vez mais se questiona se há coisas que ele não pode fazer a despeito de não estar contemplado teoricamente. Então cada vez mais a gente vê analistas que estão mais criativos e que estão mais soltos.

Armando – De repente a gente está numa relação inversa com a tecnologia. Nós estamos nos desrobotizando.

R. Deixa só eu contar uma coisa. Eu escrevi agora um trabalho para um encontro em Marília em que descrevo como é o psicanalista atual. Pena que não o trouxe aqui porque eu listei uma série de características que é bem isso: mais soltos, mais criativos, mais ousados. E depois eu acabei encontrando num livro da Anna Alvarez um capítulo, ela descrevendo a psicanálise atual e é muito parecido com o que eu tinha escrito. Quer dizer, na verdade todos temos seguido o mesmo movimento. Então o lúdico, o poder brincar na análise, o poder criar, o brincar, brincar no sentido lúdico mesmo, poder ficar solto, poder ficar descontraído acaba tornando a relação emocional muito mais intensa. E nós lidamos com o quê? Com as emoções.

Suzana – A gente não estaria pensando se a psicanálise vai deixando de ser uma profissão impossível para ser um ofício possível?

R. É esse o sentido, mas se nós não formos humildes, poderemos dizer que alguma coisa a gente faz, às vezes muita coisa, assim como o professor e assim como o governo, mas nós sempre vamos ficar insatisfeitos e isso é ótimo porque se nós ficarmos satisfeitos, acabam-se as necessidades.

Hélio – Ontem quando você estava falando sobre o mito, uma coisa muito importante que é colocada é a questão do aprendizado. Eu estava tentando articular isso para puxar um assunto que é muito interessante e que você estudou. É a questão da morte. Eu estava pensando, me lembrei de um livro do Roland Barthes chamado *Contato com A Cultura Oriental – O Império dos Signos*, eu acho. Onde ele diz que para aprender é preciso desaprender, tem que haver um desinvestimento narcísico e ficar no escuro...

R. A mudança catastrófica.

Emir – Agora o quanto a resistência ao aprendizado e o quanto essa experiência não está paradoxalmente ligada à vida dentro da morte, à visão do mortífero e da morte mesmo enquanto visão do real que está na realidade, a consciência da morte.

R. Bom, eu acho que você pegou o que eu estava tentando, assim meio manquejando, passar na conferência de ontem. Eu fiz uma teoria, uma teoria que eu acho bonita, mas que não quer dizer que esteja certa ou que seja a única. Eu gosto de lidar com coisas bonitas. Como já disse, eu acho que as coisas mais bonitas estão mais próximas da verdade. Então o que eu disse na conferência de ontem é exatamente isso, talvez uma das tragédias humanas é que pela capacidade de pensar, acaba se tendo consciência da morte. E se o homem não tivesse a capacidade de pensar ele não saberia que é mortal. A aprendizagem, de certa forma, repete isso em graus menores, por que a cada aprendizado novo você tem que matar o velho. Então, você é obrigado a tomar consciência de que as coisas são finitas, que as coisas morrem. Assim como cada pessoa que você perde, cada frustração. Então são microlutos. A nossa vida é uma constante elaboração de microlutos.

Todos os dias nós elaboramos dezenas de microlutos e, às vezes, outros maiores, e estes lutos vão ser elaborados dependendo do momento e de como o nosso mundo interno se constitui. Então a elaboração de microlutos vai nos preparar e ao mesmo tempo nos obriga a tomar consciência de que nós vamos ter de elaborar um luto maior que é perda da vida.

Emir – O nosso grande ofício.

R. Por outro lado, como eu sempre brinco, imagine como deve ser horrível ser imortal.

Armando – Eu ia te cobrar uma incoerência agora que foi como eu consegui escutar. Pensar nos leva à percepção do fim, da morte. Mas o pensar também nos leva à criatividade. A função do pensar não necessariamente...

R. Eu acho que a gente é criativo justamente por que a gente morre. Porque se a gente fosse imortal não precisaria criar nada. Seria uma monotonia total! Criar o quê? Voltando à minha analogia de ontem, a gente tem filhos porque a gente morre e se o modelo da criatividade mental é o modelo de criatividade sexual a gente pensa e tem filhos por isso. Cria inclusive maneiras de adiar a morte, de viver melhor. É o sonho da humanidade de não morrer mais. Eu não sei o que seria a humanidade se a pessoa não morresse mais. Nada se criaria.

Marly – Você que está estudando esse tema da morte, acabei de ler o Albert Camus, conhece? Ele trabalha com a questão da morte e diz uma coisa tão bonita, ele diz: “Olha, você só pode ter o prazer de viver se você conhecer o desespero de viver”.

Emir – O Gilberto fala muito dessa questão do desespero como uma possibilidade de sinal de vida, mas que está dito de uma outra forma na sua fala de que a criatividade, o pensar, está na redescoberta de que se vai morrer.

R. É, eu acho que a gente pode dizer que a vida e a morte estão sempre juntas, estão fundidas. A nossa mente só funciona pelos contrastes, a gente só sente prazer na tragédia e na comédia porque

sente falta do oposto. Há que eliminar o máximo de tensões, se você não tiver tensões não vai ter prazer de eliminar, quando a gente tem uma festa em que vai comer muito bem, fica o dia todo sem comer para ficar com bastante fome para poder aproveitar. Mas as mulheres por exemplo e os homens, eu também acho, são muito sábios, então elas seduzem, mas se elas forem espertas elas estimulam o desejo. E quanto mais estimulado você ficar, maior desejo você vai ter.

Armando – O não ter leva ao querer.

R. Se a mulher for muito fácil ela acaba sendo desprezada porque não vem o desejo, é preciso despertar a necessidade, evidentemente isso também vale para os homens, os homens estão ficando mais excitantes.

Armando – Eu tenho defendido a idéia do Sindicato dos Maridos por conta disso, para dar conta da mulherada esperta.

R. Talvez até a gente possa encontrar aqui uma derivação para o ensino, um estudante, um paciente tem que ter um certo grau de ansiedade diante do desconhecido para poder buscar conhecimento, ou buscar alguma coisa que preencha. Então o grande problema da universidade é que o aluno cumpre créditos para cumprir obrigação, ele não tem ansiedade nenhuma, ele quer se ver livre daquilo, se o professor conseguir despertar uma ansiedade, um interesse nele, aí sim. Então a gente já consegue ser criativo e colocar um enigma para o aluno ficar.

Armando – É interessante como tem uma ligação entre o sexual, a palavra é aquela questão que você dizia da identificação. Quer dizer, por mais que uma pessoa possa estimular desejo, não entregar fácil, talvez mais ela se identifique com a investigação, com o descobrir e não com as fórmulas prontas.

R. Para que você desperte esse desejo, isso tem que ser de forma carinhosa para que o aluno saiba que você está fazendo isso com amor e não sadicamente.